

Diante do exposto, as áreas de policultura do Litoral Norte apresentam uma gama variada de problemas, dentre os quais sobressaem: a) a baixa fertilidade do solo (em todas as áreas); b) a falta de água, na superfície e na sub-superfície, impossibilitando a prática de irrigação, em várias áreas; c) predomínio de altas declividades, em algumas áreas; d) inexistência de cobertura vegetal adequada à proteção dos recursos hídricos, do relevo e do solo, em áreas críticas; e) falta de apoio financeiro para os produtores dos sítios e dos assentamentos antigos (totalmente emancipados); f) falta de capacitação técnica da totalidade dos pequenos produtores; g) baixa produtividade das culturas; h) inexistência de unidades de beneficiamento dos produtos da fruticultura; i) dificuldade de transporte para deslocamento da produção até o mercado; j) falta de infra-estrutura de comercialização (locais para armazenamento, conservação e venda) da produção; k) falta de conservação das rodovias secundárias que se tornam intransitáveis no período chuvoso; l) forte presença do atravessador na comercialização dos produtos; m) inexistência/incipiência de organização dos produtores na maior parte das comunidades analisadas; n) forte adensamento populacional em algumas áreas policultoras, associado a intensa fragmentação da terra, sobretudo na periferia de núcleos urbanos; o) falta de equipamentos e serviços básicos (posto médico, ambulância, posto telefônico, escola, esgotamento sanitário, coleta de lixo etc), nas comunidades integrantes das áreas de policultura.

Como tendências dessas áreas, sobressaem: a) a de crescimento da produção, sobretudo da fruticultura, nas áreas onde as condições naturais e/ou técnicas apresentam-se menos restritivas; b) a de persistência da migração da força de trabalho jovem, especialmente nas áreas onde o adensamento populacional inviabiliza a sobrevivência da família ampliada; c) a de aumento do número de assentamentos rurais, sobretudo em áreas onde a produção de cana-de-açúcar vem sendo mais atingida pela crise do setor sucroalcooleiro; e d) a de crescente urbanização das áreas policultoras contíguas aos núcleos urbanos mais dinâmicos.

3.2.3 - CANA-POLICULTURA

Compreende o segmento espacial localizado na porção sul-ocidental do município de Goiana, correspondente ao Assentamento Rural Engenho Itapirema do Meio (mapa 02). Criado pelo INCRA, em 1978, o referido assentamento abrangia uma área de 750 hectares, desmembrada do engenho homônimo, e dividida em 16 parcelas com área média de 46,8 ha. Da área original, restam apenas dois terços e, dos primeiros parceleiros, tão somente cinco (cerca de um terço).

A área apresenta topografia predominantemente plana – cerca de 80% está em tabuleiro -, solo arenoso, recursos hídricos (superficiais e sub-superficiais) escassos e cobertura florestal bastante degradada, restrita a pequenos trechos de algumas encostas.

Dos onze proprietários atuais, a maior parte tem a cana como cultura principal, secundada por coco anão, mamão, maracujá, macaxeira, inhame, graviola, acerola, mandioca, feijão e milho, cultivados sem irrigação. O criatório se resume a umas poucas galinhas de capoeira.

No cultivo da cana, os produtores utilizam correção do solo, gradagem e sulcagem (com auxílio de trator), herbicida e adubação química. Nas demais culturas, utilizam apenas adubação orgânica e fazem aplicação de pesticida. Com exceção da cana que é cultivada com mão-de-obra familiar e assalariada (proveniente de Itaquitinga, de Sapé e do próprio assentamento), os demais cultivos são realizados com a força de trabalho da família.

Sem apoio financeiro e orientação técnica, a agricultura da área em análise conta com recursos escassos (dos próprios agricultores) resultando em baixa produtividade agrícola, inclusive da cana cuja média é 50 t/ha, caindo para 25-30 t/ha, com a seca. A do coco anão é 30 frutos/pé, colhidos a cada 45 dias, sem irrigação. Com irrigação, a produtividade média da cultura é 50 frutos/pé.

No que se refere à comercialização da produção, a cana é vendida à usina, que cobra do fornecedor o frete do produto, ao passo que a maior parte dos demais produtos é vendida ao atravessador da CEASA, no próprio estabelecimento agrícola e nas feiras próximas. Num como noutro caso, os principais problemas da comercialização são a falta de transporte para deslocamento da produção até o mercado e o baixo preço dos produtos imposto pelo atravessador.

Aos problemas acima mencionados, acrescem-se: a) a falta de água para irrigação; b) a baixa fertilidade do solo; c) a falta de recursos para os produtores investirem na produção e na comercialização; d) fraca organização dos produtores; e) adensamento da população residente nas parcelas, resultando em sobreutilização agrícola do solo; f) falta de equipamentos básicos (posto médico, posto telefônico, ambulância, escola de 1º grau maior) na comunidade que, à época da pesquisa (julho/1999), possuía trezentas pessoas. Como tendências da área, destacam-se: a) a de redução da cana-de-açúcar e de aumento das demais culturas; b) a de migração da força de trabalho jovem.

3.2.4 - COCO-DA-BAÍA

Atividade tradicional dos terrenos arenosos da faixa costeira do Estado, a cultura do coqueiro tem sido a atividade mais afetada pela expansão urbana e urbano-industrial no Litoral Norte. A urbanização iniciada na década de setenta e intensificada nas décadas subseqüentes estimulou o loteamento das fazendas e sítios de coco já, em parte, reduzidos em suas dimensões como resultado do processo de divisão dos imóveis por herança.

Em conseqüência dessa dinâmica, a área atual de predominância da cultura do coqueiro no segmento litorâneo em estudo corresponde a 2,8% da superfície desse segmento (tabela 16) e apresenta-se descontínua, constituindo manchas esparsas localizadas na porção centro-oriental dos municípios de Goiana e Itapissuma, na porção oriental do município de Igarassu e nos setores sul e norte-ocidental do município de Itamaracá (mapa 02). Expulso dos terraços marinhos que bordejam as praias, em conseqüência da valorização imobiliária dos terrenos, ali, situados, o coqueiro ocupa, atualmente, trechos de terraços fluviais, algumas encostas e topos de tabuleiros da Formação Barreiras ou de relevos modelados em sedimentos das formações Gramame e Beberibe, no momento, pouco atrativos para outras formas de uso do solo (fotos 27 e 28).



FOTO 27 – Coqueiral sem trato, ocupando encosta de tabuleiro, em Carrapicho (Goiana).